



discurso
& Sociedad

Copyright © 2021
ISSN 1887-4606
Vol. 15(2) 528-535
www.dissoc.org

Reseña

Resende, Viviane de Melo. (Org.).
Decolonizar os estudos críticos do discurso.
Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. 202p.
ISBN - 978-852170-184-2.

Juliana Harumi Chinatti Yamanaka
Universidade de Brasília

O atual padrão de poder mundial articula estruturas de controle das relações sociais que se encontram sob a hegemonia de instituições desenvolvidas dentro deste mesmo padrão de reprodução (Quijano, 2005). Nesse sentido, qualquer estudo crítico discursivo que empreenda trabalho epistemológico, metodológico, analítico e político sobre questões que perpassem componentes e estruturas no primeiro sistema global da história da humanidade, visando superá-lo, deve ter ao seu alcance algumas reflexões importantes sobre a colonialidade do saber, do poder e do ser. Reflexões para a superação deste sistema-mundo somente podem ser encontradas num esforço capaz de reconhecer as especificidades e as diferenças ao mesmo tempo que se fortalecem nas coletividades. Para este tempo bicudo, que não exige meramente crítica, mas também autocrítica e, sobretudo, ação solidária conjunta e valente, recomento o título *Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso*, organizado por Viviane de Melo Resende.

Viviane de Melo Resende representa um dos grandes nomes da Análise de Discurso Crítica no Brasil. Professora associada do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, graduou-se em Letras Português pela Universidade Federal de Viçosa, tendo realizado mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília. Atualmente, orienta trabalhos na área de Linguagem e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB) e na área de Políticas Públicas do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI/UnB). Também coordena o Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELIS/Ceam/UnB) e o Laboratório de Estudos Críticos do Discurso (LabEC/UnB) na mesma instituição.

Sua atuação em Análise de Discurso Crítica não se restringe ao cenário nacional, mas se projeta também para fora do país por meio de trabalhos importantes que desempenha como, por exemplo, na atual vice-presidência (2019-2021) da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso; no trabalho que realiza como vocal da Junta Diretiva da associação internacional Estudos de Discurso e Sociedad (EDiSo) e secretária do Conselho Executivo do *Research Committee 25 (RC25 - Language and Society) da International Sociological Association (ISA)*; ou na co-edição da Revista Latino-Americana de Estudos do Discurso e da revista *Discurso & Sociedad*. Para além de todos os títulos e cargos ocupados, é especialmente importante dizer que Viviane de Melo Resende dedica toda sua jornada de estudos e trabalhos aos aspectos discursivos que tangenciam as temáticas voltadas para a pobreza e a situação de rua no Brasil.

Como continuação de todos esses anos de investigação, voltada para a intersecção Linguagem e Sociedade, Viviane de Melo Resende dedica-nos mais

uma obra importante para os Estudos Críticos Discursivos, agora, fundada sobre o giro decolonial. O título *Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso* foi publicado em 2019, com 202 páginas, pela Editora Pontes. A obra está dividida em sete capítulos, redigidos por autoras/es da América Latina, Ásia e África, que exploram o potencial do pensamento decolonial no âmbito acadêmico e, portanto, político. São eles: Gersiney Santos, Kwese Kwaa Prah, Maria del Pilar Tobar Acosta, María Laura Pardo, Shi-xu, Viviane Cristina Vieira e Viviane de Melo Resende.

O primeiro capítulo - *Perspectivas latino-americanas para decolonizar os estudos críticos do discurso* - é introduzido pela organizadora da obra, que aborda a crítica do pretenso universalismo na prática científica de traço burguês a qual, por ser especialmente eurocentrada, tem como força motriz a castração criativa daquelas que pensam os estudos críticos discursivos fora dos centros hegemônicos de produção do conhecimento. Ela aponta a necessidade de um esforço investigativo que seja situado à realidade local latino-americana. Para isso, reelabora o mapa ontológico do funcionamento social da linguagem, incluindo as relações entre a colonialidade do poder e os gêneros discursivos, a colonialidade do ser e os estilos e a colonialidade do saber e os discursos. Em seguida, pondera sobre a subalternidade no campo acadêmico e suas potencialidades para a transformação social, pensando, sobretudo, a partir do lugar que ocupa dentro da cadeia produtiva e pedagógica universitária.

Se é verdade que o esforço decolonial está para além da mera recusa do legado acadêmico europeu, como se fosse tarefa crítica suficiente em si mesma; também é verdade que ora ou outra o tom recai sobre os gentílicos que “northeastem” a produção nacional e sobre os quais predominam metalinguagem, por vezes esotérica, replicada deste lado do Atlântico. Por mais relevante que essa crítica possa ser, tornar acessível o conhecimento produzido na academia não deve se sobrepor, enquanto meta a ser atingida, ao rigor que o campo exige (PARDO, 2019). Nesse sentido, criar estratégias de publicização e comunicação do conhecimento, bem como dos gêneros e estilos, que sejam condizentes com o público diretamente interessado possa ser uma alternativa para a promoção do diálogo com a sociedade, sem perder de vista o rigor.

O segundo capítulo - *Decolonização do conhecimento nos estudos do discurso* - é assinado pela pesquisadora independente do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Tecnológicas da Argentina, María Laura Pardo. Nele a autora transcorre sobre a (neo)colonialidade do campo em continuidade às ideias já iniciadas por Viviane de Melo Resende. Para isso divide o capítulo em quatro seções que tratam do modo de produção burguês, levado adiante,

sobretudo, pelos países do centro do capitalismo os quais impõem homogeneização econômica e cultural que afeta toda a cadeia produtiva científica por meio da criação de rankings de instituições universitárias; da imposição de agendas, teorias e métodos de pesquisa; da centralização monolíngue anglo-saxã do conhecimento produzido em periódicos pagos, ou seja, que mercantilizam o saber e restringem a divulgação ampla do conhecimento, retroalimentando todo esse sistema. Para o Estudos Críticos Discursivos Latino-Americanos decoloniais, Pardo defende alternativas que questionem toda essa cadeia produtiva.

Uma dessas alternativas seria a própria configuração dos Estudos Críticos Discursivos como estratégia para suplantiar as exclusões no sistema de produção acadêmica entre países do centro e da periferia do capitalismo. Sem negar essa possibilidade, é preciso ter em mente que essa é uma alternativa de alcance parcial, inclusive quando o objetivo é a superação das desigualdades. É preciso lembrar que o discurso representa apenas uma das facetas de transformação da experiência social e não toda a realidade em si. Nesse sentido, os esforços pela transformação (acadêmica e social) não podem ignorar a necessidade de enfrentamento da desigualdade material (inclusive, tecnológica) na academia e fora dela. Um segundo aspecto importante de ser superado é o maniqueísmo presente nas disputas entre as abordagens quantitativa e qualitativa como técnica de afirmação do próprio campo. Nesse sentido, advogo que os Estudos Críticos Discursivos representam apenas uma frente para a transformação desse sistema-mundo global, sendo necessárias outras estratégias (investigativas, políticas, econômicas, culturais, etc.) que considerem a complexidade da realidade em todas as suas camadas.

O diretor do Centro de Estudos Culturais e Discursivos da China, chamado Shi-xu, dá continuidade ao entramado construído entre os capítulos ao longo da obra. Assim, dedica o terceiro capítulo - *Reconstruindo paradigmas orientais em estudos do discurso* - à explanação e à crítica das peculiaridades culturais do discurso universalista, Ocidental e hegemônico da Análise de Discurso Crítica. Na sequência, esboça alguns paradigmas próprios das comunidades tricontinentais (Ásia, África e América Latina), bem como estratégias de ação contra o empobrecimento acadêmico internacional e cultural da humanidade promovido pela globalização ocidental, colonial e imperialista.

Sem dúvida a crítica elaborada por Shi-xu é uma das grandes pérolas de toda a obra. De modo assertivo, aponta as estratégias sofisticadas que compõem o discurso disciplinar praticado pelo Ocidente e reproduzido acriticamente pelos países de terceiro e quarto mundo que se configura por meio da atomização, pelo

dualismo, pelo textocentrismo transcendental e pelo individualismo. Gostemos ou não, a crítica contundente sobre como algumas teorias discursivas e certos métodos de análise de discurso são tomados supostamente como gerais e universais, quando, de fato, são culturalmente específicos nos coloca para pensar, o que por si só já justifica a presença do texto na obra. Shi-xu aponta de modo assertivo do maniqueísmo presente nas disputas entre as abordagens quantitativa e qualitativa e para a importância de se “formular marcos teóricos e metodológicos com bases locais, mentalidade global e consciência histórica” (SHI-XU, 2019, p. 79).

Viviane Cristina Vieira, professora da Universidade de Brasília, prossegue no quarto capítulo, intitulado *Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade*. Nele a autora busca tecer diálogo entre as teorias decoloniais, os estudos críticos do discurso e teorias feministas. Seus estudos concluem que “as práticas e os processos de colonialidade são parcialmente sustentados por discursos ideológicos, produzidos e legitimados por pessoas e grupos que lucram com a colonialidade do poder, do saber e do ser [...]” (VIEIRA, 2019, p. 98).

Como resultado da articulação teórica decolonial com a análise de discurso crítica, Vieira apresenta duas reformulações importantes em forma de figuras esquemáticas. Na primeira propõe associação entre a abordagem relacional-dialética entre as dinâmicas da colonialidade-modernidade e a ordem do discurso. Na segunda amplia essa discussão em um quadro sobre a abordagem relacional-dialética para a análise de textos como eventos sociais. O que mais chama a atenção é como o corpo, antes negligenciado pelos estudos linguísticos (Yamanaka, 2019), assume um lugar na teoria que o considera como elemento central de dominação e exploração, como também de vivência e experiência da nossa atual constituição social. Sobre os corpos linguageiros recai regime de administração, controle e gestão da vida.

No quinto capítulo - *Linguagem e decolonialidade: discursos e(m) resistência na trilha da aquilombagem crítica* - o doutor Gersiney Santos, pesquisador do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade, aprofunda o diálogo entre a noção de decolonialidade e discursos de resistência a partir de uma perspectiva da aquilombagem crítica. Para isso, discute como que a linguagem, o texto e o discurso contribuem para manutenção ou transformação de realidades sociais. A reflexão do autor passa necessariamente por sua própria experiência na academia e nas relações ali constituídas visando demonstrar como textos podem representar um recurso importante para a escrita de si no mundo a partir dos próprios sentidos do ser.

De modo acertado, Santos aponta que a escola Latino Americana de Análise de Discurso ainda “engatinha na prática articulada com a sociedade fora da academia” (SANTOS, 2019, p.128). Nesse sentido, pergunta: “está-se rompendo concretamente com uma lógica colonizadora?” (SANTOS, 2019, p.128).

O sexto capítulo - *Crítica insurgente e o discurso do lado de cá: por uma ADC desde de e para a América Latina* - é apresentado por María del Pilar Tobar Acosta, professora do Instituto Federal de Brasília. A autora propõe um diálogo sobre o ethos investigativo do Sul para o Sul articulado a conceitos de pensamentos tradicionais, tais como a filosofia Ubuntu e o do Bem-Viver. Em seguida, retoma o quadro já explanado por Vieira que trata das dinâmicas da colonialidade-modernidade e a ordem do discurso.

A grande contribuição do capítulo, fundado sobre os resultados de doutoramento da pesquisadora, focaliza sobre a articulação entre o eixo do ser e o conceito de Estilos como facetas centrais para a potência de arranjos identitários transformadores.

O sétimo e último capítulo - *Decolonizando as ciências humanas na África pela soberania intelectual* - é do professor de sociologia, fundador e diretor do Centro de Estudos Avançados da Sociedade Africana, Kwesi Kwaa Prah. Nele o autor aborda de modo geral, questões da educação, da antropologia e da sociologia tendo a decolonização linguística como aspecto central para o debate da autonomia intelectual. O autor afirma que tal aspecto passa por reconfigurar “as bases classistas da produção e da manutenção do conhecimento” (PRAH, 2019, p. 192) de modo a “reabilitar e tornar o conhecimento parte dos seus próprios pertences” (p. 191). Um exemplo disso é como a atacada teoria marxista foi apreendida e ressignificada por países de terceiro mundo que hoje representam as experiências reais e não meramente teóricas e euroreferenciadas de práticas socialistas.

É preciso falar que ainda há uma certa tradição acadêmica que ignora tais experiências e optam pela repetição de um determinado ponto de vista que é especialmente antimarxista. Esse pode ser um exemplo do que o autor chama de prática coletiva de representação epistemológica, que não é de maneira alguma uma expressão única, independente ou individual, mas que está relacionada a um esforço intelectual, histórico e político da produção do conhecimento. Prah destaca bem como um certo arcabouço tido como universal é registrado principalmente por meio da repetição, seja deliberada ou mesmo inconsciente, mas ainda assim repetição. Assim, cabe fazer a seguinte pergunta: Se é o analista do discurso investiga a criticidade dos discursos alheios, quem avalia a criticidade do analista discursivo crítico?

Para além do diálogo muito bem costurado entre os textos que compõem cada capítulo, *Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso* é uma contribuição importante para o campo dos estudos discursivos, sobretudo, em países que se encontram na periferia do sistema capitalista, destacando-se pelo esforço na construção de pontes entre as/os intelectuais e o conhecimento produzido a partir de experiências do terceiro mundo.

Referências

- Prah, K. K. (2019).** Decolonizando as ciências humanas na África pela soberania intelectual. In V. D. M. Resende (Org.), *Decolonizar os estudos críticos do discurso* (p. 202). Pontes Editores.
- Quijano, A. (2005).** Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, 227–278.
- Santos, G. (2019).** Linguagem e decolonialidade: discursos e(m) resistência na trilha da aquilombagem crítica. In V. D. M. Resende (Org.), *Decolonizar os estudos críticos do discurso* (p. 202). Pontes Editores.
- Shi-xu. (2019).** Reconstruindo paradigmas orientais em estudos do discurso. In V. de M. Resende (Org.), *Decolonizar os estudos críticos do discurso* (p. 202). Pontes.
- Vieira, V. (2019).** Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade. In V. de M. Resende (Org.), *Decolonizar os estudos críticos do discurso* (p. 202). Pontes.
- Yamanaka, J. H. C. (2019).** Do “corpo falado” à “fala corporificada”: a compreensão das convergências de estruturas de poder para repensar a Linguística Aplicada. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 19(4), 825–848. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201914798>

Nota biográfica

Juliana Harumi Chinatti Yamanaka: Professora no Instituto Federal de Brasília (IFB) e doutoranda em Linguística, da área de concentração Linguagem e Sociedade, com foco em Análise de Discurso Crítica, do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (PPGL - UnB), sob orientação da Profa. Dra. Viviane Vieira. É mestra em Linguística Aplicada (2013), licenciada em Letras (2009) e bacharela em Gestão de Políticas Públicas (2017) pela Universidade de Brasília. Atua em Linguística Aplicada, desenvolvendo trabalho em interface com a Análise de Discurso Crítica. Interessa-se por temas como: identidades, representações discursivas, processos de ensino-aprendizagem de línguas adicionais e formação de professores numa perspectiva crítica de linguagem